

HISTÓRIA AMBIENTAL EM DEBATE: O CASO DA “GEADA NEGRA” de 1975 NO NORTE DO PARANÁ

ENVIRONMENTAL HISTORY IN DEBATE: THE CASE OF THE “BLACK FROST” OF 1975 IN NORTH OF PARANÁ

CARLOS ELIAS BARROS SOBREIRA RODRIGUES*

Resumo: Este artigo objetiva, pela ótica de uma história política e ambiental, discutir aspectos conceituais e metodológicos encontrados acerca da “Geada Negra”, ocorrida em 1975 no norte do Paraná. Importa, aqui, ressaltar a importância e as consequências que tal evento proporcionou à agricultura e economia paranaense, afetando em definitivo todo um modo de vida da população, bem como sua produção agrícola. Portanto, o que este trabalho se propõe é apontar as diferentes implicações do cataclismo na vida do homem do campo e da cidade, com base em recortes de jornais como a *Folha de Londrina* e a *Gazeta do Povo*, que produziram vastos materiais sobre o período. Também vale ressaltar, neste ponto, as dificuldades que a pandemia do novo coronavírus tem imposto às atividades desta pesquisa, visto que o decreto estadual nº 4230 determinou o fechamento de espaços culturais como bibliotecas e museus em todo o Paraná, impactando maciçamente diversos trabalhos de pesquisa realizados nestes lugares.

Palavras-chave: História Ambiental; Norte do Paraná; Jornal.

Abstract: This article aims, from the perspective of a political and environmental history, to discuss aspects encountered about the "Black Frost", which took place in 1975 in the north of Paraná. It is important, here, to emphasize the importance and the consequences that this event provided to agriculture and the economy of Paraná, definitively affecting an entire way of life of the population, as well as its agricultural production. Therefore, what this work proposes is to point out the different implications of the cataclysm in the life of the countryside and the city, based on newspaper clippings such as *Folha de Londrina* and *Gazeta do Povo*, which produced vast materials about the period. It is also worth mentioning, at this point, the difficulties that the new coronavirus pandemic has imposed on the activities of this research, since state decree nº 4230 determined the closure of cultural spaces such as libraries and museums throughout Paraná, massively impacting several research works. performed in these places.

Keywords: Environmental History; North of Paraná; Newspaper.

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). (E-mail: carlos.elias.10@hotmail.com).

História, paisagem e café: o meio ambiente em debate

Os seres humanos vem presenciando, ao longo dos anos, um aumento expressivo dos desastres ambientais: inundações em lugares nunca vistos, secas com severidade ímpar, buraco na camada de ozônio, aumento das temperaturas em todas as partes do mundo, espécies vegetais e de animais sob risco iminente de extinção, dentre outros. Devido a estes fatores, a questão da sustentabilidade na raça humana vem sendo cada vez mais discutida e sendo colocada na ordem do dia em praticamente todas as esferas da sociedade e de órgãos de tomada de decisão ao redor do planeta.

Segundo Marcos Lobato Martins¹, estas questões passaram a ser ponto de honra na década de 1970, pois o surgimento, em 1971, de um grupo de ativistas que viria a mudar a história das discussões ambientais ao redor do mundo, o *Greenpeace*, como uma reação a testes nucleares do governo estadunidense no Alasca, evidenciou a questão ambiental como um alerta de que nosso planeta está cada vez mais doente, e, se nada for feito, poderá se tornar inabitável algum tempo. No ano de 1973, foi publicado um relatório do Clube de Roma², intitulado *Limites para o Crescimento*, que continha um alerta de que os recursos naturais do planeta seriam rapidamente esgotados caso o ritmo de crescimento econômico e de consumo se mantivesse nas próximas décadas (o que de fato ocorreu, e as consequências começam a ser sentidas hoje).

A questão que hoje permeia o debate é: como o planeta suportará as demandas de consumo, produção e aumento populacional que não para de crescer, principalmente nos países em desenvolvimento? De acordo com Letícia Aparecida da Paixão:

Uma espécie de catastrofismo ecológico que tomou conta nas décadas de 1960 e 1970. Comunidade científica e sociedade civil colocaram diante de si o temor pela completa dizimação da vida humana na Terra e passaram a buscar obstinadamente uma saída para evitar que isso aconteça.³

O aparecimento de problemas ambientais em toda a extensão territorial do planeta Terra fez com que todas as correntes historiográficas se debruçassem sobre a enorme e urgente necessidade de não apenas repensar, mas materializar importantes mudanças no *modus operandi* e nos *locus* de enunciação metodológicos nos processos relativos à sua área de atuação, de maneira que estas novas abordagens contemplassem as complexas, e muitas das vezes destrutivas, interações entre os seres humanos e o meio ambiente ao longo da

¹ MARTINS, Marcos Lobato. **História e Meio Ambiente**. São Paulo: Annablume, 2007.

² PAIXÃO, Letícia Aparecida da. **Seca, geada e fogo: Considerações sobre um desastre ambiental**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. Dissertação de mestrado.

³ *Ibidem*, p. 21.

história. Neste conturbado contexto, surge a História Ambiental como campo de análise científica, oferecendo uma ampla gama de pensamentos, proposições e reflexões, possibilitando desde a necessidade de estabelecer parâmetros e condições claras para sua análise e o necessário aprimoramento contínuo de suas teses e conceitos, até a análise historiográfica das relações entre o homem e a natureza.

Portanto, a História Ambiental surge como campo de análise científica nos Estados Unidos no fim da década de 1960 e início da década de 1970, em plena Guerra Fria, e no contexto de inúmeras agitações políticas, sociais e econômicas ao longo de todo o globo, reflexos das tensões entre as duas superpotências. Entre os principais eventos desta época, podemos destacar os protestos e barricadas estudantis de 1968 na cidade de Paris, a ascensão da contracultura *hippie* com o grande Festival de Woodstock em 1969, o cansaço com a Guerra do Vietnã (que chegava ao seu ocaso), dentre outros eventos que marcariam uma geração. Com essas inquietações, que permeavam os fundamentos da civilização ocidental, uma espécie de “mal-estar civilizacional”, muito bem descrito por Sigmund Freud em 1930, toma conta das pessoas nesse período.

A crença no progresso por meio da ciência fora fatalmente abalada, bem como todo o discurso desenvolvimentista. Paulatinamente a sociedade civil foi percebendo que as bases que a formavam estavam na verdade corroídas e podres, e que tudo aquilo que eles lutaram para construir no pós-Segunda Guerra na verdade havia colocado o mundo em uma nova circunstância de conflito, mas velado. O novo tipo de guerra que se desenhava (ainda que as guerras convencionais até os dias de hoje sejam travadas com armas, infantaria e munição), não demandava choque entre exércitos, grandiosas batalhas e um saldo de perdas humanas tão grande a ponto de comprometer uma geração. O novo conflito estava na base cultural das sociedades, na ideia de que era necessário sempre estar em um constante estado de mal-estar social. Aquele que deveria ser combatido não estava mais nas fronteiras externas, estava entre nós, tramando e espionando para o inimigo. Para além de todos estes fatores de descontentamento, a miséria, o atraso, os preconceitos raciais e a desigualdade social também eram temas que estavam na ordem do dia.

A motivação para a valorização de uma história mais voltada para o meio ambiente deve-se não exclusivamente ao árduo trabalho de cientistas conservacionistas que se esforçam com muita avidez na preservação dos ecossistemas terrestres e marinhos. Os pesquisadores que buscam, com seu trabalho, valorizar a preservação de um patrimônio histórico inestimável para determinada localidade ou para a humanidade, e até mesmo

parcelas da sociedade civil, que, preocupadas com os impactos socioambientais que a degradação cada vez mais acentuada dos biomas naturais pode acarretar, também somam muitos esforços no sentido de rememorar a todos que o planeta é nosso. Gerar uma memória ambiental dos lugares que o ser humano modificou é fundamental para que possamos mensurar o impacto da ação humana na natureza e, deste modo, impedir que eventos destrutivos aconteçam com cada vez mais frequência.

Isso prova ainda que as indagações por parte dos historiadores dirigidas à natureza demonstra como a produção do conhecimento histórico se faz em sintonia com seu próprio tempo⁴, pois foi apenas na década de 1970, quando a contracultura *hippie* e os questionamentos ao modelo capitalista desenvolvimentista, que explorava o meio ambiente a todo custo cresciam, que a História Ambiental ganhou a força e o destaque que até os dias atuais possui. É no seu tempo que o historiador age, atendendo às demandas da sua comunidade. Podemos citar também os estudos de gênero, tendência do século XXI, que também ganharam mais força com a ascensão da *geração Z*, dentre tantos outros exemplos de conexão que temos entre os pesquisadores e os anseios de seu tempo.

Desta feita, pode-se inferir que a História Ambiental surge das preocupações da sociedade com o seu futuro, buscando entender no passado as causas dos problemas que enfrentam nessa área, no presente. São tantos os casos e exemplos de relações desastrosas entre homem e natureza que se faz necessário não apenas um, mas inúmeros recortes nesse campo historiográfico, buscando delimitar problemas e soluções dentro de cada um dos ramos da intensa cadeia de acontecimentos que permeiam as relações homem-natureza, para entendermos desde as dinâmicas econômicas de uma exploração ambiental ilimitada, até os usos e cultivos tradicionais nestas terras pelos povos originários, por exemplo.

Entretanto, é necessário ter um olhar para além do cenário socioeconômico padrão da sociedade para compreender como um todo a História Ambiental por uma perspectiva de pesquisa histórica mais aprofundada. Nesse sentido, José Augusto Pádua nos informa que:

Os historiadores ambientais também foram desafiados por movimentos internos ao mundo do conhecimento, especialmente por importantes mudanças epistemológicas consolidadas no século XX, mas que já estavam em gestação nos séculos anteriores, em relação ao mundo natural e de seu lugar na vida humana. Três mudanças merecem particular atenção: a primeira é a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; a segunda mudança diz respeito aos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e a terceira se trata da visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo.⁵

⁴ DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

⁵ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, 24 (68), p. 81-101,

Uma das grandes mudanças que a História Ambiental vem passando nos últimos anos é justamente no tocante aos referenciais teóricos que perpassam a sua análise. Durante muito tempo, os fenômenos ambientais eram vistos por uma perspectiva de longa duração, atrelada aos clássicos conceitos de que a história como um todo era parte de um ciclo maior. Todavia, Pádua discorda desta ideia em seus escritos. Para ele:

Não se trata de sempre trabalhar na longuíssima duração. Pode-se fazer história ambiental de períodos relativamente curtos. Mas sempre tendo em mente, aos menos como pano de fundo, a presença de grandes escalas na constituição dos fenômenos que estão sendo analisados.⁶

Neste sentido, portanto, a História Ambiental traz duas grandes problemáticas em sua gênese, que caracterizam as matrizes das teorias e metodologias do campo de estudo: a colonização e o capitalismo. Pensadas estas duas correntes de maneira independente, mas ao mesmo tempo interligadas, reflete-se sobre o capitalismo enquanto agente transformador da natureza em matéria-prima para a produção de bens de valor agregado, e a colonização não apenas como fenômeno histórico que remete há muitos séculos, mas também como uma circunstância bem presente nos dias atuais, principalmente quando falamos no desmatamento de áreas de Mata Atlântica e Floresta Amazônica. Neste ponto, entende-se a colonização como a exploração de territórios nunca tocados pelos seres humanos na intenção de explorar seus recursos. A exploração dá-se, principalmente, pela exploração capitalista do território, que visa aumentar os lucros explorando as matérias-primas ambientais. Portanto, estando as duas deveras interligadas, sendo uma vertente inerente a outra, não há de se falar em História Ambiental sem uma análise da colonização capitalista do território casuisticamente estudado.

Ao longo do século XX, foi consolidada a ideia de que a História é um componente fundamental das relações entre o homem e o entendimento sobre a natureza que o cerca. Estas novas formulações acabaram por ameaçar e, muitas das vezes, combater o determinismo geográfico, que definia, em suma, que as condições naturais governam o comportamento do homem e até mesmo seu caráter. Anteriormente pensada como uma ideologia criada pelas classes dominantes europeias para justificar o colonialismo, na verdade, a tese de que as condições ambientais determinam em larga medida os processos históricos era muito bem aceita entre teóricos ligados à esquerda política. Esse é o exemplo

2010, p. 88.

⁶ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, 24 (68), p. 81-101, 2010, p. 88.

de Karl Marx, que afirmava que o capitalismo surgiu na Europa por causa das condições edáficas do continente, como elucidada seguinte passagem:

Uma natureza pródiga demais 'retém o homem pela mão como uma criança sob tutela'; ela o impede de se desenvolver ao não fazer com que seu desenvolvimento seja uma necessidade de natureza. A pátria do capital não se encontra sob o clima dos trópicos, em meio a uma vegetação luxuriante, mas na zona temperada. Não é a diversidade absoluta do solo, mas sobretudo a diversidade de suas qualidades químicas, de sua composição geológica, de sua configuração física, e a variedade de seus produtos naturais que formam a base natural da divisão social do trabalho e que excitam o homem, em razão das condições multiformes ao meio em que se encontra situado, a multiplicar suas necessidades, suas faculdades, seus meios e modos de trabalho.⁷

Logo, a História Ambiental, ao aproximar-se das ciências naturais em relação aos pressupostos teóricos que a alimentam, afasta-se do determinismo geográfico em sua totalidade, pois ela busca entender as transformações que o homem faz no próprio espaço, sem abrir margem para interpretações pré-determinadas sobre a ação humana no seu habitat natural.

Durante muitos anos, a área acadêmica dos estudos sobre os fenômenos históricos não levou em consideração a natureza como um fator preponderante dentro da estrutura da vida humana, considerando as mudanças ocorridas no meio ambiente apenas como uma das diversas manifestações de intempéries que podem decair sobre as pessoas, alterando suas vidas, assim como as guerras, revoluções etc. Quase que explicitamente, estes estudos praticamente negavam, ou tentavam negar, a inerente combinação de fatores entre meio ambiente e a raça humana, dando a entender que as mudanças ambientais (climáticas, eventos extremos) eram deveras secundárias no desenvolvimento das grandes sociedades. Sobre esse aspecto, Paixão diz que:

Esta tendência de pensar na natureza em oposição ao homem ou a cultura é marcante desde o final do século XVIII. Teixeira da Silva (1997, p. 298) pontuou que particularmente o idealismo e o romantismo alemães no século XIX, forçaram uma distância absoluta entre natureza e cultura. Tal visão contaminou fortemente a história, como as demais ciências sociais, de forma a estabelecer uma periodização em que ambos os termos aparecessem como pontas opostas de um processo.⁸

Desta maneira, a visão de distanciamento deve dar vez a uma nova compreensão da relação homem-espaço, estabelecendo deste modo um *continuum*, uma visão integrada de que homem e natureza muitas das vezes agem em simbiose, sendo assim partes completas de um todo muito mais complexo que as convenções anteriormente pensadas. Ora, o homem age

⁷ MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 1006.

⁸ PAIXÃO, Letícia Aparecida da. **Seca, geada e fogo: Considerações sobre um desastre ambiental**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. Dissertação de mestrado. p. 24.

sobrea natureza diuturnamente, e a natureza reage sobre o homem consoante à destruição ou preservação que este faz sobre a última, com isso equilibrando a dinâmica da vida. Homem e natureza caminham lado a lado, e, se um dos lados apresenta forte desequilíbrio, automaticamente o outro também ressaltará a influência destes desequilíbrios. Assim tem sido a vida na Terra desde os seus primórdios, homem e natureza enfrentando-se em busca de soberania e sobrevivência. Portanto, não há que se pensar em uma abordagem separada entre homem e natureza na História Ambiental, mas sim de ambos como parte integrante e única de um mesmo organismo vivo, o planeta Terra.

Pádua reflete bem este pensamento quando escreve que:

A tese culturalista de que os seres humanos constroem o mundo a partir de sua percepção e da sua cultura deve ser ampliada em dois sentidos. Primeiro, os humanos não constroem seu mundo apenas por meio do pensamento, mas também por meio do corpo e do conjunto de organismos; e que todos os seres vivos constroem seu mundo a partir da experiência. Cada ser constrói seu mundo e o mundo coletivo se constrói por meio de uma trama complexa das interações e interdependências.⁹

A História Ambiental encontra seus temas essenciais sempre que ocorre uma interação entre a esfera natural e as vidas dos seres humanos. À vista disso, Donald Worster¹⁰ ressaltou três níveis em que os estudos ambientais podem ser compartimentados, cada um dos quais com sua própria gama de características, envolvendo uma ampla variedade de focos interdisciplinares e requerendo métodos próprios e particulares de uma análise macro ou micro histórica. O primeiro nível envolve, diretamente, a descoberta da estrutura e distribuição dos ambientes naturais do passado, ou seja, como se organizava nosso planeta durante as eras geológicas (holoceno, pleistoceno etc.), condições dos primeiros hominídeos, enfim, a condição do meio ambiente na Terra durante o passado. Para isso, o uso da interdisciplinaridade com as ciências naturais permite um diálogo amplo e construtivo na determinação de um panorama da história natural global.

O segundo nível das pesquisas no âmbito de uma história do meio ambiente se faz por meio das interações entre a evolução das tecnologias produtivas e suas relações com a natureza. São, pela definição marxista da história, os “modos de produção” que estão intrincados não somente na organização do trabalho humano e dos maquinários, mas também nas transformações que os seres humanos fazem na natureza. O foco deste nível se situa na análise de como as pessoas utilizam-se dos recursos naturais disponíveis para a

⁹ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, 24 (68), p. 81-101, 2010, p. 93.

¹⁰ WORSTER, Donald. *Dust Bowl: The Southern Plains in the 1930s*. New York: Oxford University Press, 1982, p.26-7.

obtenção de vantagens pessoais, coletivas ou mesmo de sobrevivência, e como o meio natural acaba afetado por estas intervenções, muitas das vezes impensadas.

O terceiro nível, de acordo com Worster, “é mais intangível, puramente mental em que as percepções ideológicas, éticas, leis e mitos tornaram-se parte de um diálogo de indivíduos e de grupos com a natureza”.¹¹ O grande desafio da História Ambiental, nestes termos, não é apenas de observar e relatar casuisticamente tais relações, mas sim, de decidir como e onde estas relações se observam e, assim, estabelecer as conexões necessárias entre a jornada humana e o meio ambiente.

Assim, a História Ambiental tem o objetivo de compreender e estabelecer os níveis de relação entre o homem e a natureza e suas simbioses, problematizando este complexo sistema econômico, político e social que permeia estas interações e, sobretudo fazer pensar sobre o que representa o meio ambiente para nós hoje e como as correspondências entre ser humano e natureza evoluíram até que chegássemos aos níveis atuais de mutualidade.¹²

A análise realizada neste artigo condiz com o terceiro nível das ideias de Worster, pois trata dos eventos intangíveis e sentimentais que os camponeses do Norte do Paraná passaram durante os eventos ocorridos em 1975. Da mesma maneira, Paixão¹³ mobiliza Worster¹⁴ como base teórica para embasar suas teorias, as quais também se encontram presentes neste artigo.

Do deslumbramento ao luto: a neve em Curitiba e a geada no norte

A semana de 18 de Julho de 1975 foi fatídica na vida dos paranaenses não apenas pelos eventos climáticos oriundos da Grande Geada, mas também por um outro fenômeno, tão raro quanto. Naquela mesma semana, as condições climáticas excepcionais proporcionaram um evento que recebeu grande destaque da mídia: a neve havia chegado à cidade de Curitiba, fato que não acontecia desde o ano de 1928. A população da capital, extasiada, celebrara o evento com muitas brincadeiras e felicidade, como pode ser constatado na capa dos jornais de todo o estado. A *Gazeta do Povo* noticiou naquele dia que a neve maravilhara os curitibanos: “O curitibano acordou mais cedo ontem e entre surpreso e extasiado pôde apreciar um espetáculo que em intensidade igual havia ocorrido

¹¹ WORSTER, Donald. **Dust Bowl: The Southern Plains in the 1930s**. New York: Oxford University Press, 1982, p. 27

¹² TRISTÃO, M. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. 2. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2008.

¹³ PAIXÃO, Letícia Aparecida da. **Seca, geada e fogo: Considerações sobre um desastre ambiental**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. Dissertação de mestrado.

¹⁴ WORSTER, *Op. Cit.*

apenas em 31 de julho de 1928”.¹⁵ *O Diário do Norte do Paraná* também destacou a felicidade dos curitibanos com o notável evento, destacando, porém, as geadas que acometeram o norte do estado também.

Contudo, o clima de êxtase e de emoção rapidamente deu lugar aos relatos mórbidos de uma catástrofe. As reportagens de capa do dia 19 de julho de 1975 dão conta da dimensão do estrago feito à cafeicultura do Paraná. A *Gazeta do Povo* noticiou o cenário trágico com a reportagem “Geadas destrói todos cafezais” (sic),¹⁶ e *O Diário do Norte do Paraná* escreveu “Geadas: café e trigo os mais prejudicados”,¹⁷ e estas reportagens ficaram na memória coletiva dos paranaenses, evocando a memória de um passado saudosista, mas, ao mesmo tempo, triste. Paulatinamente, estas reportagens são encontradas quando se rememoram os anos após a geada e em diversos documentários e vídeos produzidos sobre a temática. O portal *GMC Online*, no dia 18 de Julho de 2021, relembrou os 46 anos após o extremo climático, evidenciando a reportagem do *O Diário*.¹⁸ Também em 2021, cerca de um mês depois, o canal do *YouTube* “Maringá Histórica” publicou um documentário online intitulado “Geadas Negras de 1975”. A Rede Globo, representada no Paraná pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC TV), utilizou por diversas vezes ao longo dos anos nos telejornais as matérias da *Gazeta do Povo* sobre os ocorridos e, mais recentemente, o tema virou assunto em um *podcast* realizado com o Prof. Dr. Ângelo Aparecido Priori, em 17 de Julho de 2021.¹⁹ Para além de todos os exemplos acima citados, que evidenciam a importância e a magnitude do impacto da mídia na cobertura de grandes eventos, a própria *Gazeta do Povo*, nas matérias sobre os 40 anos da geada, publicou no dia 17 de Julho de 2015 uma reportagem com a imagem do jornal de 19 de Julho de 1975, trazendo à tona memórias da manchete que foi publicada no dia após a ocorrência da geada.

A reportagem de 19 de Julho de 1975 de *O Diário*²⁰ traz duas fotos: uma da chegada do então governador do Paraná, Jaime Canet Júnior (que também era cafeicultor), à cidade de Maringá para avaliar o impacto da geada, e a outra do governador e sua equipe em meio aos cafezais destruídos. Além disso, no decorrer da reportagem é evidenciado que não

¹⁵ GAZETA DO POVO, 18 Jul. 1975, p.1.

¹⁶ GAZETA DO POVO, 19 Jul. 1975, p.1.

¹⁷ O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 19 Jul. 1975, p.1.

¹⁸ Disponível em <https://gmconline.com.br/noticias/cidade/inverno-de-1975-relembre-a-geada-negra-em-maringa-e-regiao-fotos-2/>. Acesso em 15 de Set. 2022

¹⁹ Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/podcast/pod-parana/noticia/2021/07/16/podparana-34-os-impactos-da-geada-negra-na-historia-e-economia-do-parana.ghtml>. Acesso em 18 Jul. 2021

²⁰ O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 19 Jul. 1975, p.1.

apenas a cultura cafeeira foi duramente afetada, mas que a triticultura (plantações de trigo) também foi severamente afetada pelas condições climáticas. O texto traz um relato de que a cafeicultura foi arrasada em sua totalidade e que a triticultura foi afetada em cerca de 50 por cento.

Ainda de acordo com o jornal, a situação foi tão grave que requereu uma visita imediato governador e seus mais importantes secretários, que chegaram às 13:45 do dia 19 de Julho. Também foi enfatizada a situação das outras culturas agrícolas, que foram igualmente afetadas, principalmente a do trigo, que perdeu de 50 a 60 por cento da sua safra. O mesmo processo ocorreu com a fruticultura e a sericultura, resultando em uma hecatombe que fez sucumbir não apenas os cafezais, mas todo um sistema agrícola que perdurava há mais de um século, de acordo com a reportagem.

Por sua vez, a *Gazeta do Povo* também produziu importantes relatos sobre os eventos ocorridos em 18 de Julho de 1975. A reportagem de capa já impacta pelo título “Geadas destrói todos os cafezais”, indicando que a onda de surpresa e alegria ocorrida em Curitiba no dia anterior era o prenúncio de um cenário devastador no interior.

A *Gazeta do Povo*, pelo fato de ser um jornal mais abrangente e de maior circulação, que possui até os dias atuais abrangência e influência em todo o estado do Paraná, fez uma cobertura muito mais ampla que *O Diário*, um jornal notadamente regionalizado, e que tinha por intuito informar apenas Maringá e região.

Desta maneira, o jornal curitibano destinou várias páginas de sua edição de 19 de Julho de 1975 e dos dias subsequentes para comentar o impacto que a geada causou não apenas nos cafezais, mas em toda uma cadeia produtiva regional. A chamada de capa “A geada destrói todos os cafezais” indica a intencionalidade do jornal da capital na cobertura dos fatos, que era de declarar a destruição irreversível dos cafezais do norte do estado, como se os meios de recuperar esta lavoura não existissem. De encontro a essa abordagem, o noticiado no *O Diário* dando conta dos acontecimentos não se destinou a declarar o fim das atividades agrícolas no estado.

Neste ponto, não podemos deixar de considerar que, há tempos, a cafeicultura, mesmo sendo um importantíssimo fator de desenvolvimento econômico na região de Maringá, já não era o principal vetor econômico da cidade. Frisa-se neste ponto a não inclusão da região metropolitana nesta análise (Marialva, Mandaguari, Mandaguaçu etc.), pois estas cidades claramente sentiram muito mais os impactos do fenômeno climático que a cidade-canção. Isso se deve ao fato de que a Cidade Verde foi constituída no intuito de ser

um município que receberia os produtos advindos destas cidades-satélites e no seu território os beneficiaria, em um modelo cooperativista que perdura até os dias atuais, sobretudo pela ação da COCAMAR, cooperativa que beneficia os produtos agrícolas da região e os exporta. Para além destes fatores econômicos, desde a década de 1960 a região já vinha modificando o seu patamar socioeconômico, com a introdução de culturas mais resistentes ao frio e às geadas, que, registre-se, não eram incomuns na região, tendo acontecido outras geadas negras ao longo da história, sem, contudo, a dimensão e o impacto da ocorrida em 1975.

O governador paranaense da época, Jayme Canet Júnior, resume os acontecimentos com as seguintes palavras, registradas no livro *No Tempo do Canet*:

Às sete horas da manhã, o avião que servia ao governador decolou comigo e alguns técnicos para um sobrevoo nas regiões cafeeiras. O panorama era desolador. Vi milhões de pés de café enegrecidos pelo frio, que havia queimado suas folhas e destruído seu potencial produtivo. Fizemos escalas nos maiores centros de produção do interior para nos reunirmos com agricultores e lideranças locais. O desânimo era geral. Afinal, o trabalho de muitos anos, até de vidas inteiras, deveria ser refeito para a terra voltar a produzir e gerar renda. Pior: o governo federal, preocupado com os impactos inflacionários da política cafeeira, há anos vinha tratando o setor a pão e água, com preços mínimos irrealistas e grandes restrições ao financiamento das lavouras.²¹

Nas edições subsequentes dos jornais, principalmente na mesma semana, encontramos ainda mais reportagens sobre a geada. A edição de 19 de Julho de 1975 da *Gazeta do Povo* traz três reportagens diretamente relacionadas aos efeitos do frio naqueles dias. A primeira informa-nos que, assim que esteve a par dos acontecimentos e da dimensão dos estragos causados pela geada, o governador Jayme Canet Júnior conclamou ajuda imediata do governo federal, por meio do Instituto Brasileiro do Café (IBC). Mais adiante, veremos que a ajuda prometida pelos militares à agricultura estadual refletiu-se em um novo modelo de agricultura, que visaria não mais apenas a monocultura de exportação, mas uma diversificação da agricultura que, de acordo com o governo estadual, colocou o Paraná, na época, em destaque nacional, pois em uma década, o estado já se destacava na “produção de 13 das 15 maiores variedades hortifrutigranjeiras de exportação”.²² Entretanto, cenário à época era de desolação, tristeza e muita preocupação, pois a incerteza dos fatos subsequentes aumentava a ansiedade dos produtores rurais que, perdendo as suas lavouras, também tinham de lidar não apenas com o café destruído, mas com a perda da safra e as dívidas contraídas para que ela pudesse ocorrer.

²¹ CASTOR, Belmiro Valverde Jobim. *No Tempo do Canet: A História do Paraná na década de 1970*. Curitiba: Underwater Books, 2015, p. 23-24.

²² *Ibidem*, p. 55.

O jornal curitibano também relata que, pró-ativamente, o governador tentou animar os cafeicultores diante da triste situação, sendo ele próprio um dos cafeicultores afetados. O texto da matéria demonstra que, em visita à cidade de Maringá, o governador fez um apelo aos agricultores:

Em Maringá, num desses encontros, o Governador dirigiu um apelo aos agricultores no sentido de não esmorecerem no seu trabalho, ‘pois se as geadas podem abalar a lavoura, não são, porém, nunca suficientemente fortes para vencer a fertilidade do nosso solo ou de diminuir o entusiasmo e a força de trabalho do homem do campo paranaense.²³

Portanto, a visão que foi estampada nos dias subsequentes à intempérie climática na mídia impressa foi justamente a de que a geada não interferiria na agricultura paranaense, e que a força de vontade do homem do campo seria muito mais forte do que a intempérie que se abatera sobre ele. Essa mudança de concepção deu-se muito pelo fato de o próprio Palácio Iguaçu, sede do governo, entender ser impossível a saída dos agricultores do meio rural para outros setores produtivos. Nas palavras do governador:

Nos dias seguintes, trabalhamos para mobilizar todo apoio possível para os cafeicultores. Lançamos campanhas publicitárias para levantar o moral dos paranaenses. Mensagens como “O Paraná volta a ser verde!” e “Lute onde você estiver” buscavam auxiliar na recuperação da produção. Era preciso também refrear a tentação da população de abandonar o campo. As maiores cidades não ofereciam empregos nem condições de estrutura para alojar cerca de 300 mil desempregados.²⁴

Assim sendo, podemos entender que a mídia regional, ao mesmo tempo em que noticiava os tristes acontecimentos relativos à geada e à perda dos cafezais, também se encontrou imbuída em uma campanha do governo estadual de evitar uma convulsão social, que certamente seria causada caso cerca de 300 mil agricultores que tudo perderam decidissem desistir de suas lavouras e ocupar as cidades em busca de sobreviver. Com isso, notamos que o tom das reportagens seguintes nos jornais se modifica, passando de um lamento e até certo ponto, morbidez, para uma tentativa de motivar os cafeicultores a ligarem-se às suas terras mais uma vez.

Esta política pode ser sentida com mais clareza ao analisarmos a edição de 21 de Julho de 1975 de *O Diário do Norte do Paraná*, que em uma de suas matérias, traz os seguintes dizeres:

O comércio exportador de café não sentiu qualquer reflexo das geadas registradas no Paraná e sul de Minas no início da semana, segundo opinião de importantes empresários do setor. Como esse ramo é um importante indicador das tendências de preços internos, é de esperar que as cotações do produto não sofram quaisquer

²³ GAZETA DO POVO, 19 Jul. 1975, p. 4.

²⁴ CASTOR, Belmiro Valverde Jobim. **No Tempo do Canet: A História do Paraná na década de 1970**. Curitiba: Underwater Books, 2015, p. 75.

oscilações em decorrência da chegada dos dias mais frios nas regiões produtoras.²⁵

Por conseguinte, a ideia de que o governo e a imprensa procuraram passar para o agricultor do interior, imediatamente após os acontecimentos da geada, era que os eventos não haviam sido tão catastróficos assim, tentando, de alguma maneira, evitar o êxodo rural e manter os ânimos dos cafeicultores em não saírem das suas terras. Contudo, o clima de tristeza e consternação não foi de todo suprimido, pois, mesmo com os incentivos do governo do estado, as perdas agrícolas foram deveras impactantes para serem simplesmente ignoradas. As reportagens do Diário de 19 de Julho de 1975 demonstram bem como a geada impactou diretamente a cidade de Maringá, incluindo o próprio *campus* sede da Universidade Estadual, que amanheceu repleto de gelo em decorrência da geada.

Nota-se, portanto, que, mesmo a cidade de Maringá não sendo a principal afetada pela geada, o impacto dela na vida das pessoas que aqui residiam fez-se sentir, e muitas pessoas também perderam o seu sustento na cidade, onde uma grossa camada de gelo apoderou-se de toda a plantação de café dos Carniel, importante família de pioneiros da cidade. De acordo como jornal, os danos não ficaram restritos apenas às plantações de café, mas também, e principalmente, ao trigo, cultura ainda menos resistente ao frio e às geadas que a do café. Podemos notar, então, que os registros fotográficos do jornal *O Diário* de 19 de Julho de 1975 exprimem muito mais a dimensão humana da tragédia, pois a partir delas podemos entender que não foi apenas a sobrevivência econômica de uma região que foi posta em xeque, mas o próprio modo de vida do homem do campo na região ficou extremamente comprometido, pois agora o agricultor via-se em um dilema que se repetiria nos meses seguintes, que envolvia três grandes desafios diretos: voltar a plantar café e insistir nesta monocultura, sob o risco de novas geadas e novos prejuízos; seguir na agricultura, porém diversificando a produção e investindo em culturas emergentes e mais resistentes ao frio, como soja, milho e feijão; ou ainda vender sua fazenda, sair do campo e procurar emprego e sustento nos grandes centros urbanos. O mesmo dilema também esteve na mesa de discussão governamental, que se via na iminência de ter 300 mil pessoas em situação de miséria sob sua tutela.

Continuando com o debate, vemos que a diversidade de opiniões entre os que enxergavam o fim da cafeicultura no estado como algo imposto pela geada e irreversível, e aqueles que tinham esperança em um futuro melhor para os cafezais, era frequente na mídia

²⁵ O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 21 Jul. 1975, p. 8.

local, principalmente ao analisarmos as publicações nos meses subsequentes. Em uma delas, com o título “Crepúsculo da cafeicultura”²⁶, veiculada pouco mais de um mês após a geadas, destaca-se a fala do vereador maringaense José Nascimento, que acusa o Instituto Brasileiro do Café (IBC) de tentar levar os cafezais do Paraná para o estado da Bahia, desde antes mesmo da geadas acontecer:

O vereador maringaense José Nascimento está tomando partido dos cafeicultores da região, reivindicando-lhes melhores condições para manutenção de suas lavouras e a recomposição de seus cafezais.

Segundo o vereador, uma análise profunda no pronunciamento de Camilo Calazans, presidente do IBC, na Assembleia Legislativa da Bahia, deixa clara a intenção do mesmo em relegar para o segundo plano um incentivo à agricultura paranaense, e, antes mesmo das geadas acontecerem no nosso território no último mês de julho, incentivar a migração dos cafeicultores para aquele estado do Nordeste.

“[...] Esqueceu-se o atual presidente do IBC, que nos últimos 10 anos o Paraná foi o responsável por mais de 50 por cento da produção nacional do café, trazendo divisas que sempre orgulharam a nação [...] e o espírito laborioso e a tãpera dos agricultores [...] sempre superou esse efãmero evento climãtico.”²⁷

Para Nascimento, as primeiras medidas que o governo estadual deveria tomar em auxílio à os cafeicultores era justamente a de auxiliar o médio e pequeno produtor agrícola, que, de acordo com ele, “nunca tiveram a tecnologia dos grandes fazendeiros”.²⁸ Caso assim não o fizesse, “essas medidas governamentais trarão ao Paraná a erradicação indiscriminada do café e como consequência o êxodo rural, pois o Estado ainda tem no café o maior elemento de absorção de mão-de-obra entre todos os setores da economia”²⁹, finaliza o vereador.

Analisando a conjuntura internacional do fenômeno, tem-se uma dimensão maior dos danos ocorridos não apenas no norte do Paraná, mas que se alastraram rapidamente por outras regiões, incluindo o Paraguai, como noticiou a edição da *Gazeta do Povo* de 25 de Julho de 1975:

As recentes geadas vibraram um duro golpe a vários dos principais produtos agrícolas paraguaios causando enormes prejuízos, estimava-se ontem em Assunção.

No momento, foi-se impossível determinar de que modo poder-se-ã conjurar os efeitos das desastrosas geadas da semana passada, as piores que se tem conhecimento no Paraguai nos últimos quarenta anos. Estas geadas causaram a perda total dos cafezais da região de Amambay, norte do país. [...]

[...] Informações procedentes de Pedro Juan Caballero, 700 km ao norte de Assunção, na fronteira com o Brasil, informam que ali foram perdidos oito milhões de cafeeiros, dos quais metade já estavam produzindo. De acordo com o responsável

²⁶ O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 28 Ago 1975, p. 6.

²⁷ O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 28 Ago 1975, p. 6.

²⁸ *Ibidem*, p. 7.

²⁹ *Ibidem*.

governamental por este setor, as geadas tiveram um efeito ‘fatal’ neste setor.³⁰

Assim, entende-se que a geada teve um impacto muito maior que somente a faixa norte do estado do Paraná, afetando diretamente todo um sistema agrícola dependente da tecnologia cafeeira e dos preços atrelados a este produto, como se notará nas reportagens veiculadas nos dias subsequentes a este fato.

Analisando as reportagens da *Gazeta do Povo* ao longo dos dias que se seguiram à geada, constatamos o tamanho do impacto que a catástrofe ambiental causou na sociedade estadual. A mídia impressa entrou em um estado de profunda negação e buscava, a todo momento, ressaltar que o Paraná, apesar da perda dos cafezais, poderia facilmente se recompor desta hecatombe, como já havia feito antes, desde que houvesse ajuda governamental para tal, mencionando as vantagens de manter a produção de café no ritmo anterior ao da geada nesta região. A *Gazeta* relembra o acontecido na geada de 1953, quando já havia ocorrido fenômeno semelhante, atingindo até mesmo a região cacauzeira do nordeste do país. Nesta reportagem, chamada “Lavoura Cafeeira”, o periódico destaca que:

Em 1953, quando ocorreu grande geada que prejudicou seriamente nossa lavoura cafeeira, chegando a ocasionar danos até a região cacauzeira do Nordeste do País, a Câmara Federal aprovou legislação especial que, sancionada pelo governo, serviu de estímulo ao lavrador patricio. O Banco do Brasil passou a financiar os produtores de café a razão de determinada cota por pé queimado pela grande geada e, dentro de pouco tempo, nossas lavouras estavam revitalizadas e a Carteira Agrícola integralmente coberta dos empréstimos a prazos maiores e a menor taxa de juros, determinados pela lei de emergência.

[...]

Seria interessante que o PROAGRO em convênio com o IBC estabelecessem planos definitivos para o seguro das lavouras do estado, sejam elas quais forem, contra os fenômenos climáticos ocorridos às vezes fora dos períodos do inverno. Com o seguro que poderia ser obrigatório e as baixas taxas, o meio rural ficaria mais disciplinado na observância de plantar nas épocas certas.

Conhecemos a fibra dos cafeicultores de nosso estado e temos a certeza de que continuarão na luta que os dignificou. E o café, que tem sido o grande edificador do progresso nacional, continuará a reinar ainda mais soberano no rico solo paranaense.³¹

Este arquivo revela que a repercussão da geada de 1953 foi tão intensa, à sua época, como a de 1975, visto que, 20 anos antes, o Paraná dependia muito mais da agricultura cafeeira que nos anos 70, e, deste modo, as consequências econômicas ocorridas nos anos 50 foram evidentemente muito mais intensas que as de 75. Entretanto, o impacto emocional que a “Geada Negra” produziu no homem do campo paranaense foi inegável, pois simbolizava o

³⁰ GAZETA DO POVO, 25 Jul. 1975, p.4.

³¹ GAZETA DO POVO, 26 Jul. 1975, p. 12.

fim de um sonho que havia começado muitas décadas antes, quando o Paraná ainda era parte da província imperial de São Paulo. Para efeito de comparação, a área plantada de café no Paraná no início dos anos 1970 era de 1,1 milhão de hectares, e no ano de 2020, foram plantados cerca de 40 mil hectares de café, segundo dados da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SEAB) e do Departamento de Economia Rural (DERAL). E, mesmo que na cidade de Maringá, como já dito anteriormente, os prejuízos à economia municipal não tenham sido tão evidentes, dada a situação socioeconômica da cidade ser circunstancialmente diferente das demais cidades da região, é inegável que o impacto dessa geadada foi muito grande, por causa das ligações que as cooperativas de Maringá possuíam com os produtores de café da região. Dados do mercado agrícola mostram que a produção regional do produto ficou paralisada cerca de duas semanas, em razão das incertezas pelas quais os agricultores passaram naquele momento.

Diariamente, *O Diário do Norte do Paraná* noticiava os valores e a cotação do café no mercado agrícola das principais cidades da região, e podemos notar que, imediatamente após a geadada, até o dia 5 de Agosto de 1975, simplesmente não existia café para ser negociado. Os prejuízos imediatos, dada a quantidade de café que saía do mercado maringense pelos produtores da cidade, considerando os vinte dias nos quais o café não foi negociado, foi de, aproximadamente, 700 milhões de dólares. O prejuízo foi estimado levando em conta as médias de 58.000 sacas diárias de café que eram exportadas, e o preço médio de 600 dólares dasaca de café, negociada na Bolsa de Nova York. Vale lembrar que estes são os danos econômicos imediatos do clima noticiados pela mídia. Os danos totais, de acordo com a *Gazeta do Povo*, superaram a casa dos bilhões de dólares, o que representou uma retração de cerca de 30 por cento no PIB paranaense de 1976.

O assunto nas ruas de Maringá e região, nos dias posteriores à ocorrência da geadada, eram sobre os impactos causados pelo frio extremo. Todavia, os efeitos do clima não afetaram tão somente a cafeicultura, como ambos os jornais parecem demonstrar. Esporadicamente, surgem notificações acerca de danos em outras culturas, e até mesmo em vidas humanas perdidas, principalmente na região de Curitiba, como podemos notar nos recortes dos jornais regionais:

Oito pessoas morreram em consequência do frio que assolou a capital nos últimos dois dias. Quatro delas foram encontradas em diversos pontos da cidade, embaixo de marquises e em bancos de praças. Outras três faleceram na madrugada de ontem, no albergue noturno. Mais duas foram encontradas mortas, em favelas que circundam a cidade.³²

³² GAZETA DO POVO, 19 Jul. 1975, p.1.

O Diário do Norte do Paraná noticiou as perdas em outros segmentos da seguinte maneira:

O fenômeno geada levou os agricultores do Estado do Paraná, atingidos, ao caos, dado a intensidade da geada que atingiu cem por cento dos cafezais. O trigo também foi atingido bastante violentamente, colhendo em cheio as lavouras que se encontravam em fase de formação de grão. Em Nova Esperança, local de fruticultura, as bananeiras, mamoeiros e amoreiras foram bastante prejudicados. Um outro setor, como o cinturão verde da horticultura foi bastante danificado e fará com que o Mercado Agrícola sofra uma alteração nos próximos dias.³³

Nesta edição, de 19 de Julho de 1975, é dedicada uma página inteira somente aos relatos dos impactos da geada naquele dia. As imagens destacam a proporção de gelo que tomou os cafezais, além da geada que sobreveio sobre outras culturas. A presença do governador do estado também é evidenciada, pois o mesmo, no dia dos ocorridos, esteve diretamente envolvido na tentativa de amparar os agricultores e de tomar ciência dos estragos. No final da página, temos uma convocatória da Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido que representava os militares, para o congresso maringense com seus filiados, que iria definir o candidato a prefeito municipal.

Mesmo que *O Diário do Norte do Paraná* tenha publicado, nos dias seguintes, reportagens afirmando que a cafeicultura não iria acabar, o que predomina neste primeiro dia pós-geada é o colapso de um sistema agrícola que até então perdurava, voltando as atenções midiáticas principalmente para a destruição dos cafezais. Mesmo que Maringá já não tivesse nacafeicultura sua cultura principal, e nem na agricultura a sua vocação comercial máxima, o campo sempre obteve espaço destacado na economia regional. Isso porque cidades do entorno abrigavam muitos camponeses que, repentinamente, perderam seu sustento e sua moradia, acendendo um alerta na região de que problemas se assenhoravam no horizonte, despertando um grande sinal de alerta no poder público municipal e estadual.

Considerações finais

As geadas são agentes naturais, hidrológicos e ecológicos, que influenciam toda a cadeia de um ecossistema. Comumente relacionadas aos climas frios, quando elas acontecem, geram um temor considerável naqueles que trabalham na agricultura, uma vez que, se a conhecida geada negra acontecer, com a morte de plantas, animais e substratos agrícolas, como sementese outros implementos, as chances de perdas consideráveis e exacerbadas são grandes.

³³ O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 19 Jul. 1975, p.4.

Por meio de elementos definidores da paisagem, as geadas marcam uma geração com o estigma do sofrimento e do fim de uma “era gloriosa” no Norte do Paraná. Contudo, isso não se sustenta integralmente nos fatos, uma vez que, desde a década de 1960, essa cultura já estava em um lento processo de declínio. Os jornais *Gazeta do Povo* e *O Diário do Norte do Paraná* surgem, neste contexto, como agentes influenciadores da memória sobre a geada. As reportagens publicadas após a ocorrência do evento climático enfatizam os temas de interesse das regiões nas quais os suportes estão inseridos.

O veículo de mídia curitibano decreta o fim da cafeicultura como a mola-mestra do desenvolvimento regional. Ele declara o definitivo desaparecimento da “era do café” em todo o Estado do Paraná, e adota o discurso oficial do governo federal, no tocante ao destino da cafeicultura. Já o periódico maringense ia na direção oposta das notícias que chegavam da capital, procurando convencer os seus leitores de que a cafeicultura não acabaria com tanta facilidade, mas que perduraria por mais tempo do que a geada. A cafeicultura já havia passado por outras semelhantes no passado e havia sobrevivido. Revela que não existia motivo algum para achar que o café estava com os dias contados na região. Esta “guerra de narrativas” consolida os interesses de um grupo quanto aos rumos da agricultura estadual. Assim, o periódico curitibano encampou a visão “vencedora” do processo ante os argumentos do jornal maringense.

Referências bibliográficas

BISCARO, G. A. **Meteorologia Agrícola Básica**. 1 ed. Cassilândia: Ed. Unigraf, 2007.

BONDARICK, Roberto. A Geada Negra de 1975. **Folha de Londrina**, Londrina, p.5, 26 de Julho de 2010.

CASTOR, Belmiro Valverde Jobim. **No Tempo do Canet: A História do Paraná na década de 1970**. Curitiba: Underwater Books, 2015.

CROSBY, Alfred. **The Columbian Exchange: Biological and Cultural Consequences of 1492**. Santa Barbara: Greenwood, 1972.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. GAZETA DO POVO. Curitiba, Julho e Agosto de 1975. Coletânea. Jornal.

HAYS, Samuel. **Conservation and the Gospel of Efficiency: The Progressive Conservation Movement 1890-1920**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959

HESS, José. **O café no Paraná 40 anos depois da geada de 1975**. Sistema FAEP. Disponível em: <https://sistemafaep.org.br/wpcontent/uploads/2015/06/CafeParana40anosDepois.pdf>. Acesso

em: 05. Abr. 2022.

MARTINS, Marcos Lobato. **História e Meio Ambiente**. São Paulo: Annablume, 2007.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MELO-ABREU, J. P. M. **As Geadas. Conceitos, Gênese, Danos e Métodos de Proteção**. In: Figueiredo, T.; Ribeiro, L. F.; Ribeiro, A. C.; Fernandes, L. F (Ed.). *Clima e Recursos Naturais: Conferências de Homenagem ao Prof. Doutor Dionísio Gonçalves*. Bragança, Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2010, cap. 5, p. 141-165.

MONTEIRO, Ricardo Rodrigues. **A cartografia do fenômeno urbano e econômico no Paraná: uma leitura com auxílio da semiótica**. *Revista Franco-Brasileira de Geografia*,

n. 27, Jul. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/confins.10966>>. Acesso em: 05 Ago 2023.

NASH, Roderick. **Wilderness and the American Mind**. Madison: University of Wisconsin Press, 1989.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Maringá, Julho e Agosto de 1975. Coletânea. Jornal.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. *Estudos Avançados*, 24 (68), p. 81-101, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>>. Acesso em: 05 Ago. 2023.

PAIXÃO, Letícia Aparecida da. **Seca, geada e fogo: Considerações sobre um desastre ambiental**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. Dissertação de mestrado.

PEÑA, Luciana. **Inverno de 1975: Relembra a geada Negra em Maringá e Região**. Maringá, GMC Online, 16 Mai. 2021. Disponível em: <https://gmconline.com.br/noticias/cidade/inverno-de-1975-relembra-a-geada-negra-em-maringa-e-regiao-fotos-2/> Acesso em 18 Mai. 2021

PRIORI, Angelo Aparecido. **PodParaná #34: Geada negra marca a história e gera impacto na economia do Paraná**. Curitiba, G1 PR, 16 Jul. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/podcast/pod-parana/noticia/2021/07/16/podparana-34-os-impactos-da-geada-negra-na-historia-e-economia-do-parana.ghtml> Acesso em 18 Jul. 2021.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORSTER, Donald. **Dust Bowl: The Southern Plains in the 1930s**. New York: Oxford University Press, 1982.